

CADMO

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

28



CENTRO DE HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA
2019



CADMO

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY



CADMO
REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

28

Editor Principal | Editor-in-chief
Nuno Simões Rodrigues

CH
CENTRO DE HISTÓRIA

Centro de História da Universidade de Lisboa

2019



CADMO
REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

Editor Principal | Editor-in-chief
Nuno Simões Rodrigues

Editores Adjuntos | Co-editors

Agnès García-Ventura (Universitat de Barcelona), Amílcar Guerra (Universidade de Lisboa), Breno Batistin Sebastiani (Universidade de São Paulo), Rogério Sousa (Universidade de Lisboa)

Assistentes de Edição | Editorial Assistants

Ana Catarina Almeida, Catarina Pinto Fernandes, Denise Calado, Martim Aires Horta, Violeta D'Aguiar

Revisão Editorial | Copy-Editing

André Margado, Martim Aires Horta, Violeta D'Aguiar

Redacção | Redactorial Committee

Agnès García-Ventura (Universitat de Barcelona), Amílcar Guerra (Universidade de Lisboa), Ana Catarina Almeida (Universidade de Lisboa), António Ramos dos Santos (Universidade de Lisboa), Armando Norte (Universidade de Coimbra), Breno Batistin Sebastiani (Universidade de São Paulo), Cláudia Teixeira (Universidade de Évora), Elisa de Sousa (Universidade de Lisboa), Francisco Borrego Gallardo (Universidad Autónoma de Madrid), Francisco Gomes (Universidade de Lisboa), José das Candeias Sales (Universidade Aberta), Loïc Borgies (Université Libre de Bruxelles), Maria Ana Valdez (Universidade de Lisboa), Nelson Ferreira (EU Business School - Barcelona) Nuno Simões Rodrigues (Universidade de Lisboa), Rogério de Sousa (Universidade de Lisboa), Saana Svård (University of Helsinki), Susan Deacy (University of Roehampton), Suzana Schwartz (Universidade de São Paulo), Telo Ferreira Canhão (Universidade de Lisboa).

Comissão Científica | Editorial and Scientific Board

Antonio Loprieno (Universitat Basel), Delfim Leão (Universidade de Coimbra), Eva Cantarella (Università degli Studi di Milano), Giulia Sissa, (University of California, Los Angeles), John J. Collins (Yale University), Johan Konings (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia de Belo Horizonte), José Augusto Ramos (Universidade de Lisboa), José Manuel Roldán Hervás (Universidad Complutense de Madrid), José Ribeiro Ferreira (Universidade de Coimbra), Juan Pablo Vita (Consejo Superior de Investigaciones Científicas - Madrid), Judith P. Hallett (University of Maryland), Julio Trebolle (Universidad Complutense de Madrid), Ken Dowden (University of Birmingham), Lloyd Llewellyn-Jones (Cardiff University), Luís Manuel de Araújo (Universidade de Lisboa), Maria Cristina de Sousa Pimentel (Universidade de Lisboa), Maria de Fátima Sousa e Silva (Universidade de Coimbra), Marta González González (Universidad de Málaga), Monica Silveira Cyrino (University of New Mexico).

Conselho de Arbitragem para o presente número | Peer reviewers for the current issue

Agnes García-Ventura (Universitat de Barcelona), Amílcar Guerra (Universidade de Lisboa), André Carneiro (Universidade de Évora), Carlos Martins de Jesus (Universidade de Coimbra), Fábio Lessa (Universidade Federal do Rio de Janeiro), Fernando Bermejo Rubio (Universidad Nacional de Educación a Distancia), Inês de Ornelas e Castro (Universidade Nova de Lisboa), Inês Vaz Pinto (Sítio Arqueológico de Tróia), Isaías Hipólito (Universidade de Coimbra), Javier Andreu Pintado (Universidad de Navarra), José Luís Brandão (Universidade de Lisboa), Juan José Castillos (Instituto Uruguayo de Egiptología), Maria de Fátima Rosa (Universidade Nova de Lisboa), Marta González González (Universidad de Málaga), Pedro Carvalho (Universidade de Coimbra), Raquel dos Santos Furnari (Universidade Estadual de Campinas), Ricardo Duarte (Universidade de Lisboa), Susana Schwartz (Universidade de São Paulo), Victoria Emma Pagán (University of Florida).

Editora | Publisher

Centro de História da Universidade de Lisboa | 2019

Concepção Gráfica | Graphic Design

Bruno Fernandes

Periodicidade: Anual

ISSN: 0871-9527

eISSN: 2183-7937

Depósito Legal: 54539/92

Tiragem: 150 exemplares

P.V.P.: €15,00

Cadmo - Revista de História Antiga | Journal for Ancient History

Centro de História da Universidade de Lisboa | Centre for History of the University of Lisbon
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa | School of Arts and Humanities of the University of Lisbon
Cidade Universitária - Alameda da Universidade, 1600 - 214 LISBOA / PORTUGAL
Tel.: (+351) 21 792 00 00 (Extension: 11610) | Fax: (+351) 21 796 00 63
cadmo.journal@letras.uilisboa.pt | www.centrodehistoria-flul.com/cadmo



This work is funded by national funds through FCT - Foundation for Science and Technology under project UID/HIS/04311/2013, UID/HIS/04311/2019 and UIDP/04311/2020.

This work is licensed under the Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License. To view a copy of this license, visit <http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/> or send a letter to Creative Commons, PO Box 1866, Mountain View, CA 94042, USA.

SUMÁRIO

TABLE OF CONTENTS

09 AUTORES CONVIDADOS

GUEST ESSAYS

11 MATERNIDADE E FILICÍDIO

MATERNITY AND FILICIDE

Maria de Fátima Sousa e Silva

31 THE ENEMY AT THE CITY GATES.

Seven against Thebes, 287-368

Marta González González

51 ESTUDOS

ARTICLES

53 DEUSES BANQUEIROS:

uma seleção de contratos paleobabilônicos de empréstimos
feitos por templos

BANKING GODS:

a selection of Old Babylonian temple loan contracts

Lucas G. Freire

77 A "TERRA BÍBLICA" DO PRIMEIRO TESTAMENTO:

construção de um espaço religioso

THE "LAND OF THE BIBLE" OF THE FIRST TESTAMENT:

building of a religious space

Sofia Beato

93 "A MALDIÇÃO DA MÚMIA".

Relatos na imprensa portuguesa sobre a descoberta do Túmulo de
Tutankhamon

"THE CURSE OF THE MUMMY".

Reports in the Portuguese press on the discovery of the Tomb of Tutankhamun

José das Candeias Sales & Susana Mota

- 119 A DIMENSÃO VISUAL DO CÂNONE NA ANTIGUIDADE CLÁSSICA
THE VISUAL DIMENSION OF THE CANON IN CLASSICAL ANTIQUITY
Sílvia Catarina Pereira Diogo
- 139 A HÉLADE EM ROMA.
A recepção do estilo de vida da aristocracia ática através das *fabulae palliatae* de Plauto: a alimentação, as heteras e o *damnum*
GREECE IN ROME.
The reception of the lifestyle of the Attic aristocracy through Plautus' fabulae palliatae: the food, the hetaerae and the damnum
Álvaro Martinho
- 165 ALARGAMENTO DO DOMÍNIO ROMANO NA ITÁLIA CENTRAL EM MEADOS DO SÉCULO IV A.C.
EXPANSION OF ROMAN POWER IN CENTRAL ITALY IN THE MID-4TH CENTURY B.C.
Filipe Carmo
- 187 RIFLETTENDO (SU) LUCIO (ANNEO SENECA), UN POLITICO IN FILOSOFIA E UN FILOSOFO IN POLITICA
REFLECTING UPON LUCIO ANNEO SENECA, A POLITICIAN IN PHILOSOPHY AND A PHILOSOPHER IN POLITICS
Carlotta Montagna

219 NOTAS E COMENTÁRIOS

COMMENTS AND ESSAYS

- 221 OS TOPÓNIMOS PRÉ-ROMANOS DA HISPÂNIA:
a propósito dos *Monumenta Linguarum Hispanicarum*, VI
PRE-ROMAN TOPONYMS IN HISPANIA:
on the Monumenta Linguarum Hispanicarum, VI
Amílcar Guerra
- 235 HOMENAGEM A ALICIA MARAVELIA
TRIBUTE TO ALICIA MARAVELIA
Telo Canhão

251 RECENSÕES

REVIEWS

333 IN MEMORIAM

341 POLÍTICAS EDITORIAIS E NORMAS DE SUBMISSÃO

JOURNAL POLICIES AND STYLE GUIDELINES

escolhe. O processo de secularização parece resultar inesperadamente dos contrastes confessionais e preconceitos dos autores em diálogo entre si. Por outro lado, Konaris argumenta por um carácter determinante do Romantismo e dos Nacionalismos na Inglaterra e, em particular, na Alemanha, que procuram inscrever as suas nações num passado que, por um lado, reconhecem como arquetípico mas do qual não descendem diretamente e, por outro, que contrasta com a desilusão e fragmentação do mundo recém-industrializado e com a alienação do mundo natural.

A produção frutífera destes autores, como sublinha Konaris, apesar de desatualizada e imbuída dos limites ideológicos referidos, engloba métodos, abordagens, teorias e perspicácias que não só antecipam as temáticas e preocupações hodiernas da disciplina, como colocam as “inovações recentes” em perspectiva lembrando quão operativa é a leitura destes maiores. Sem deixar de sublinhar, evidentemente, a erudição e a utilidade heurística destes filólogos, as soluções, mais criativas ou conservadoras, procurando conciliar ou subverter, não deixaram de avançar a disciplina. Mas perante dois séculos de produção, *The Greek Gods in Modern Scholarship* apenas toca na superfície. As escolhas dos autores, em detrimento de outros, são por vezes difíceis de compreender. Não nos parece justificável o tratamento secundário que é dado a Frazer. E o monopólio do diálogo anglo-saxónico pode ser limitativo: não devem Farnell e Harrison ser entendidos também perante as mudanças dos paradigmas na Filosofia, nas Ciências Sociais e na Historiografia nas academias europeias da viragem do século? Mas as escolhas decorrem da natureza desta obra cuja consequência, talvez inadvertida, das suas qualidades é sublinhar a necessidade de um extensivo projeto compreensivo sobre a historiografia da Religião Grega.

Martim Aires Horta

Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Centro de História

ARTHUR J. POMEROY ed. (2017), *A Companion to Ancient Greece and Rome on Screen*, Malden, MA, Wiley-Blackwell, 550 pp. ISBN: 9781118741351.

O último *Companion* da Blackwell, publicado em Agosto de 2017 na série dedicada ao Mundo Antigo, é esta colecção de artigos que propõe tratar um assunto, à primeira vista, demasiado extenso. A solução para este problema encontra-se no foco dado a temáticas ainda não muito exploradas. Nesta recensão, iremos tentar perceber quais são e que problemas levantam, focando-nos em apenas alguns dos estudos aqui reunidos.

No primeiro capítulo, P. Michelakis leva-nos para os anos entre 1907 e 1913, datas com enorme importância para o cinema que conhecemos hoje. Deste modo, o editor decidiu começar a compilação tentando perceber se o cinema começou como arte, indústria ou meio tecnológico. O cinema é uma arte, uma mera expressão da cultura popular ou ambas? Tenta-se responder a estas questões dando importância à etimologia da palavra “cinematografia”, às necessidades de uma audiência e ao uso da cor (presente já nesses períodos primordiais). A. J. Pomeroy (cap. 6) começa por olhar para os antecedentes do cinema *peplum*, salientando os traços cómicos presentes neste subgénero, a contextualização do termo “*peplum*” e a sua significância no contexto italiano e subsequentes ramificações. O A. chega à conclusão de que este subgénero era

mais comerciável do que os filmes artísticos italianos, em grande parte devido ao apelo erótico que lhes era inerente. Toda esta parte inicial pretende contextualizar períodos pertencentes à primeira metade do século XX.

L. Maurice (cap. 9) introduz-nos no mundo da comédia antiga, também presente no cinema (note-se que Aristófanes é o autor cómico mais adaptado ao cinema, contando com dezassete filmes a ele dedicados; a peça mais adaptada é *Lisístrata*). A autora prossegue numa análise crítica, focando-se na mitologia grega, na romana e no mundo histórico de Roma, viajando pelos diferentes períodos e inovações, passando pelo cinema primitivo, pelo dos anos 50 e 60 e ainda pelo britânico. Maurice prova assim que a comédia é um género poderoso, pois expõe os traços mais crus de uma sociedade, e que foi este um dos géneros a moldar, inclusive, a Roma cinematográfica. O último realce vai para a ideia de que as culturas clássicas se confirmam também no cinema como definidoras da identidade cultural do Ocidente. M. S. Cyrino (cap. 13) analisa duas séries televisivas recentes: *Rome* e *Spartacus*. *Rome* preocupou-se sobretudo em criar uma empatia com as personagens Pulão e Voreno, os verdadeiros protagonistas. Através deles, faz-se passar uma rede de realismo histórico cheio de autenticidade, mas que não esquece o seu objectivo dramático. Assim, a construção da série é feita entre as elites (mais próximas de uma história crónica) e a plebe (que se aproxima de uma história do quotidiano). Ao seguir um esquema que se divide em informações sobre a produção e resumo/comentário do enredo, a autora faz sobretudo um “estado da questão” relativo a estas séries. A. Wieber (cap. 15) reflecte sobre o épico indiano *Sikandar* e como a história de Alexandre e a conquista da Índia foi nessa produção explorada de modo a servir de comentário à situação que então se vivia, incitando a uma vontade de independência e libertação do jugo britânico. No mesmo contexto oriental, localiza-se o filme japonês *Kureopatora* (1970), produção cómico-erótica, que se destaca por ser uma miscelânea de géneros e influências (e.g. o facto de se tratar Octaviano como homossexual e, portanto, impassível perante as tentações sedutoras da rainha egípcia). Esta A. termina com uma análise do filme *Alexander Senki* (1999). Wieber tende a descrever excessivamente os enredos, apesar de lembrar que só se pode analisar um filme de forma eficaz contextualizando-os. Assim, em síntese, a segunda parte do *Companion* dedica-se ao “Outro”, a outros géneros, países e meios.

A terceira parte do volume pretende perspectivar o tema a partir de três equipas presentes numa produção fílmica, a de som (neste caso, música), guarda-roupa e *design* de *sets*. No último artigo, de H. Margolis (cap. 18), analisa-se o facto de o estudo científico sobre filmes do mundo antigo provir essencialmente de classicistas. Terão outros especialistas em estudos fílmicos, designadamente os historiadores do cinema e até mesmo os cineastas, passado à frente de um dos géneros mais importantes na génese desta arte? *Cabiria* (1915) é um dos filmes cuja importância é muitas vezes entendida como secundária para os filólogos fílmicos, algo que aqui é pertinentemente considerado uma negligência. A A. introduz também a história das formas de distribuição e de definição de conteúdos dos dois grandes produtores no início do século XX: EUA e Europa. Margolis olha ainda para os géneros que se foram desenvolvendo de modo a agradar às diferentes audiências e analisa como se passou de filmes de curta duração para longas-metragens, e como esta mudança fez com que os temas da Antiguidade comessem progressivamente a perder importância. Contudo, afirma-se neste estudo que estes filmes foram essenciais para o desenvolvimento dos efeitos especiais.

A. J. L. Blanshard (cap. 19) discute um problema essencial relacionado com a relação entre cultura de elites e cultura popular, discutindo ainda a problemática da prevalência de Roma no cinema.

Para este A., essa predominância justifica-se com a irresistível demarcação entre a Roma pagã e a dita moral cristã, com o melhor conhecimento desta e ainda com a dificuldade em representar as complexidades destes mundos. Neste contexto, Blanshard dá enorme importância a *Cabiria* (1915), a *Hercules* (1958) e ao trabalho de Ray Harryhausen. O A. conclui com a ideia de que a cultura popular se baseia em modas que permanecem e moldam a memória.

Cabe a O. Wenskus (cap. 20) pegar em séries televisivas de ficção científica, como *Babylon 5*, *Star Trek* e *Battlestar Galactica*. A mitologia que aqui se encontra é a grega, mas além desse gênero de “fonte”, encontramos também neste tipo de produções outras fontes de inspiração, que vão da filosofia (platonismo e estoicismo) à história (sobretudo a romana). Com efeito, assistir a ficção científica não é o mesmo que estudar uma ciência especializada, mas o facto de muitos dos cientistas terem sido inspirados por séries como estas prova que o impacto na nossa imaginação é duradouro. No seu contributo, F. Hobden (cap. 22) começa por explicar que um documentário é uma obra que pretende instruir, dando uso a uma série de ferramentas que o gênero se habituou a usar com o intuito de entreter. Os temas explorados nos documentários que analisa relacionam-se com o imperador Calígula, com Cleópatra VII e com viagens, em que um apresentador nos leva a diferentes cidades mediterrâneas, combinando história e turismo, ou nos conduz pela rota de Alexandre, de modo a “revelar mais do que apenas onde esteve” (*In the Footsteps of Alexander the Great*; Maya, BBC e PBS; 1998). Por fim, M. Lindner (cap. 23) centra o seu estudo na mitologia presente em filmes e séries para jovens-adultos, especialmente nas três adaptações animadas dedicadas a Hércules/Hércules, produzidas entre 1995 e 1997 e em quatro exemplos que adaptaram a *Odisseia*. No que diz respeito ao tema de Hércules, nota o A. que, na generalidade, o mito é reformulado, perdendo quase todos os traços originais, que são substituídos por ideias contemporâneas; por norma, os autores dos argumentos preocupam-se mais com valores morais intemporais. Quanto a Ulisses, Lindner apercebe-se de que as adaptações pretendem ser, mais do que divertidas, instrutivas. O A. comprova, aliás, que um filme para jovens e crianças não é o mesmo que um filme essencialmente infantil. Sumarizando, parece-nos que esta terceira parte é onde se encaixam os “artigos restantes”.

Traçado o perfil geral do *Companion* em recensão, resta-nos fazer mais algumas observações críticas. Ainda que esse não seja o objectivo de um *Companion*, seria interessante incluir numa publicação deste tipo críticos de obras fílmicas, confrontando-os com estas questões. Parece-nos também que a bibliografia se repete amiúde. Por outro lado, estranhámos que obras como *Cine de Romanos*, de Pedro L. Cano, pioneiro neste tipo de análises, sejam referenciadas apenas uma vez (e, curiosamente, no capítulo do único autor ibérico presente no livro). Este é um tema tão vasto que necessariamente surgirão mais compilações deste tipo.

Estas reflexões não pretendem tirar qualquer mérito à iniciativa e esforços que aqui se despenderam. Apenas se frisa que, quanto a nós, a organização podia ter sido mais bem pensada e dirigida. O conteúdo dos artigos é algo heterogéneo, devendo esse ser um dos factores a evitar, conquanto delinçiem claramente a importância destes estudos, o que não deve ser ignorado.

Filipe Nunes
Universidade de Lisboa

CH

CENTRO DE HISTÓRIA
